

ANÁLISE DA ESTRUTURA ARGUMENTAL DO VERBO “CHEGAR” EM CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUPORTE

Isabella Venceslau Fortunato*

RESUMO: O presente trabalho trata das diferenças na estrutura argumental do verbo “chegar” como verbo-suporte em comparação com o verbo pleno e as fraseologias verbais, no que diz respeito à sua fixação sintática e semântica. A hipótese inicial é a de que as expressões recobrem um *continuum* de abstração desde o movimento espacial concreto até o conceito mais abstrato, num movimento unidirecional, segundo a teoria da gramaticalização. Mas, os dados mostram que esse movimento não é unidirecional: a partir do movimento espacial são “irradiados” diferentes domínios abstratos e, dentro destes domínios, são encontradas construções com diferentes graus de fixação. O trabalho utiliza-se, nos seus pressupostos teóricos, dos estudos da Fraseologia e da Linguística Cognitiva, buscando as ocorrências de análise nos *corpora* já digitalizados da Linguateca.

Palavras-chave: Verbos-suporte; gramaticalização; idiomacidade; Fraseologia.

ABSTRACT: This paper discusses the differences in the argumental structure of “chegar” as a support verb in comparison with the full verb and verbal phraseologies, as regards either its syntactic or its semantic fixation. The initial hypothesis is that the collected expressions follow an abstraction continuum since a concrete spatial movement until the most abstract, in a unidirectional movement, as the Grammaticalization theory says. But the data show that this movement is not unidirectional: from a spatial movement are “radiated” different abstract domains and, inside these domains, we can find constructions with different fixing rate until a maximum fixation. This paper uses, in the theoretical basis, the studies of Phraseology and Cognitive Linguistics, analyzing occurrences of the corpora available in Linguateca.

Key words: Support verbs; grammaticalisation; idiomacity; Phraseology.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo da presente pesquisa é verificar se o verbo “chegar” atua como verbo-suporte em construções com grau intermédio de fixação, passando por um possível processo de gramaticalização em que se “esvazia” semanticamente restringindo-se a transmitir informações que dizem respeito ao estado de coisas da situação descrita pelo predicado como um todo. Segundo os autores que constituem o embasamento teórico desta pesquisa, a peculiaridade das construções com verbo-suporte (DORAVANTE CVSup) é que o núcleo da predicação passa a ser o nome, já que o verbo sofre “perda” semântica.

* Doutoranda na Universidade de Coimbra, bolsista do Instituto de Investigação Interdisciplinar da UC.

O desafio é saber delimitar com precisão se esta mudança de significado é apenas uma conseqüência da metaforização do conceito primeiro do espaço e do movimento ou se é realmente resultado de um processo de fixação em que a expressão como um todo caminha para a lexicalização.

Primeiro procuraremos definir o que se entende por CVSup, analisando autores como Maria Helena Mira Mateus et alii, Maria Francisca de Athayde, Alberto Bustos Plaza, entre outros que serão citados.

Em seguida analisar-se-á a estrutura interna das CVSup, os elementos que a compõem, as mudanças que sofre em relação à construção que lhe deu origem. A contribuição semântica do sintagma nominal (DORAVANTE SN) será fundamental neste processo de fixação, sobretudo a dupla função que o substantivo assume na expressão: de definir a área temática da expressão e informar sobre seu estado de coisas.

Passando para a análise do verbo, contextualizaremos a classificação semântica dos verbos em geral, para, nesta, destacar os verbos de movimento. Discutiremos então a natureza do próprio movimento, a fim de analisar o verbo “chegar”, que é o objetivo principal da pesquisa. Veremos como é tratado no dicionário, sobretudo nas suas nuances de significado e também como a sua estrutura argumental é alterada em função dessa polissemia.

Finalmente, os dados coletados são analisados à luz das questões abordadas durante o trabalho procurando responder à questão que norteia a presente pesquisa: *construções com verbo-suporte têm uma estrutura argumental realmente diferente das construções com verbos plenos?*

2. METODOLOGIA

É complicado encaixar a pesquisa feita sobre o assunto em uma única corrente de estudos lingüísticos, já que as CVSup são estruturas multifacetadas e, por este motivo, de difícil classificação. Antes de mais nada, elas se encontram em um “limbo” entre o léxico e a gramática. A partir disto, falaremos tanto do processo de lexicalização quanto do de gramaticalização. Os estudos de fraseologia serão também convocados para se fazer um cotejo entre estas construções e as CVSup, assim como para traçar um limite entre as duas.

A lingüística cognitiva virá ao nosso encontro no momento da análise sobre a noção de movimento, sua natureza e seus elementos constitutivos para um melhor entendimento de como acontece a transição entre movimento no espaço físico e num espaço mais abstrato.

A coleta de dados foi feita utilizando o banco de dados digitalizado da Linguateca (<http://www.linguateca.pt>), cujo projeto “AC/DC” disponibiliza para busca, no *corpus* “Chave”, todas as edições dos jornais “Folha de São Paulo” e “Público” dos anos de 1994 e 1995. Após a escolha de um verbo específico para análise, no caso o verbo “chegar”, foram coletadas frases com o mesmo seguido da preposição “a”, a qual introduziria um argumento interno com o papel de “meta” do movimento.

Com o grande número de ocorrências obtidas, foi necessário selecionar aleatoriamente as primeiras 300 pertencentes à variedade do Português do Brasil. Elas foram separadas por área temática (dada, como sabemos, pela parte nominal) para que o *continuum* de abstratização pudesse ser traçado. A partir desta primeira classificação, foram estabelecidos critérios para uma classificação em um segundo nível, ou seja, o da fixação dos elementos da expressão e, assim, procurou-se estabelecer o grau lexicalização de cada grupo obtido.

3. O QUE SÃO CONSTRUÇÕES COM VERBOS-SUPORTE? Delimitação face a outras construções

CVSup são combinações de verbo + um sintagma de base nominal¹ cujo grau de fixação sintático-semântica está entre o da combinação livre e o da fraseologia verbal. Nesta última categoria, verbo e parte nominal estão lexicalizados ao ponto de não favorecerem a intercalação de elementos no seu interior e seu significado não corresponde à soma dos significados dos seus componentes. Na combinação livre do verbo pleno com seus argumentos, os espaços vazios abertos pelo predicado verbal podem ser preenchidos por elementos que estão em relação paradigmática entre si e que constituem uma classe aberta, na qual os falantes podem escolher aquele que mais lhe apraz e que

¹ Pode ser tanto um sintagma nominal (SN) como um sintagma preposicional (SP), o qual é fundamentalmente formado por um SN introduzido por uma preposição, por este motivo as informações semântico-lexicais estão de qualquer forma contidas no N que constitui o seu núcleo.

melhor expressa a idéia que quer transmitir. Essa combinação será livre desde que sejam respeitadas as “regras”² sintáticas da própria língua.

Os verbos que participam da construção com verbo-suporte passam por um processo de esvaziamento semântico fazendo com que o centro de significação da frase se desloque para a expressão nominal. Pode-se dizer que eles “conjugam” o substantivo da parte nominal (PLAZA, 2005, p. 12), transmitindo valores de modo, tempo, número, pessoa, aspecto fazendo com que a predicação esteja a cargo do substantivo que figura como núcleo do sintagma nominal. Esse processo de “perda” semântica (*bleaching*) pode indicar que se trate de um processo de gramaticalização, assim como acontece com os verbos auxiliares, por exemplo.



A gramaticalização é um processo gradual e unidirecional de criação de itens gramaticais a partir de itens lexicais, ou seja, itens autônomos e com conteúdo extralingüístico (MEILLET, 1912, p. 131). Esta passagem é uma evidência primeiramente de uma descategorização desse item até uma recategorização do mesmo na classe fechada dos elementos gramaticais, perdendo suas propriedades de referência e adquirindo propriedades relacionais. Pode, ao longo dessa gradação, perder massa morfofonêmica e se reduzir a zero. Quanto à perda de significado, os elementos em fase de gramaticalização passam de concretos para abstratos passando por estágios intermédios, seguindo um contínuo semântico unidirecional (TRAUGOTT, 1991, p. 5-6).

Para Mateus et alii (2003, p. 311) os verbos que formam a CVSup – por ela chamados “verbos leves” – são *dar, fazer e ter*; Athayde (2000), Zuluaga (2002) e Plaza, (2005) ampliam a lista dos verbos que podem encabeçar as estruturas, desde que haja algum tipo de fixação. Esses verbos, por possuírem traços semânticos gerais, são

² “Regra” entendida aqui não no sentido normativo do termo, mas como a estrutura do sistema da língua em questão.

³ Embora não haja evidências de que verbos-suporte gerem, ao longo da história, verbos auxiliares, em uma primeira versão do artigo, apresentamos o *continuum* “verbo pleno > verbo-suporte > verbo auxiliar” para marcar o *bleaching*, seguindo o *continuum* semântico [+ lexical] > [- lexical]

polissêmicos, podendo-se combinar com uma extensa gama de itens lexicais e, através dessa combinação, adquirir os mais variados sentidos.

Observemos a diferença entre:

- (1) *O João deu um presente ao amigo.*
- (2) *O João deu uma contribuição decisiva para o debate.*

Na literatura que trata do assunto, a substituição dessas estruturas por verbos correspondentes – normalmente com a mesma base lexical –, é usada como critério de identificação das mesmas, como podemos observar no seguinte exemplo extraído da Gramática da língua portuguesa de Maria Helena Mira Mateus et alii (2003):

- (3) *O João **contribuiu decisivamente** para o debate.*

Mas os autores⁴ reconhecem que este não deve ser um critério categórico por diversos motivos, entre os quais: (i) a estrutura argumental do verbo correspondente pode não ser igual à estrutura da CVSup como acontece em:

- (4) *Pedro dá um abraço **em Maria**.*
- (5) *Pedro abraça **Maria**.*

em que o tema da ação expressa pelo verbo é representada no primeiro exemplo por um SP com função de objeto indireto e no segundo por um SN com função de objeto direto; (ii) o significado da expressão tem matizes de significado não presentes no verbo correspondente como *amar* e *fazer amor*; (iii) fazendo um estudo comparativo com outras línguas podemos verificar que a maneira como cada uma delas recorta e verbaliza a realidade é determinante para a existência ou não dessa correspondência: *entrar em pânico* e *to panic* (do inglês); (iv) ou até mesmo no âmbito de uma mesma língua, podemos ter uma falsa correspondência como no caso de *dar o peito* (amamentar) e *peitar*; (v) ou uma correspondência com bases lexicais diferentes: *vir ao mundo* e *nascer*. Mesmo reconhecendo estas diferenças sintático-semânticas, o fato de que a expressão funciona e é armazenada como um único lexema é um importante indício de lexicalização.

⁴Cf. PLAZA (2005, p. 147-163); ATHAYDE, (2005, p 45); MATEUS et alii (2003, p. 311).

3.1 Verbos-suporte e verbos plenos

Os testes mais eficazes para distinguir as CVSup das outras combinações são a cliticização e a extração de constituintes. A cliticização prevê a substituição da parte nominal da expressão por um pronome oblíquo assim como acontece no caso das combinações livres:

(6) *O João deu **um livro** à Maria → O João deu-o à Maria*

(7) *O João deu **uma contribuição** decisiva para o debate → *O João deu-a para o debate.*

Como podemos observar a parte nominal não se comporta aqui como um argumento do verbo corroborando com a idéia de que a expressão encontra-se num processo de fixação que a diferencia da combinação livre entre verbo e argumento interno.

A extração de constituintes é feita de duas maneiras: (a) por clivagem ou (b) simulando uma polifonia em que a parte nominal funciona como resposta a uma pergunta em que o constituinte é omitido.

(8) *Foi **uma contribuição decisiva** que o João deu ao debate.*

(9) - *O que é que o João deu ao debate?*

- *Uma contribuição decisiva.*

Este teste, cujos exemplos foram, mais uma vez, retirados da gramática de Mateus et alii (2003 p. 312), não distingue, mas aproxima as CVSup da combinação livre. Neste caso, “*Ao manterem sua grelha argumental os verbos leves definem o tipo de situação que a frase descreve: uma situação eventiva de tipo transferencial*” (MATEUS et alii, 2003, p. 312-313)

Com contra-exemplos podemos provar que por CVSup entendem-se estruturas diversas que podem estar em um variado grau de fixação, grau esse que é consagrado pela frequência de uso pelos falantes, portanto, idiossincrático e não previsível. Essa falta de regularidade é típica da formação de itens lexicais, portanto podemos dizer que, embora o verbo que a compõe sofre gramaticalização à medida que perde seus traços semânticos em prol dos traços semânticos referenciais da parte nominal, a expressão como um todo sofre lexicalização.

Voltando aos testes para a distinção das CVSup, temos o caso, por exemplo, de *abrir mão* na frase *O governador não abrirá mão dos seus direitos*:

(8') *Será **mão** que o governador não abrirá dos seus direitos.

(9') *- O que é que o governador não abrirá dos seus direitos?

- **Mão**

Falamos anteriormente do esvaziamento semântico sofrido pelo verbo em processo de gramaticalização se traduz normalmente na transposição de um domínio espacial para um domínio temporal. Mas na verdade todos os elementos da estrutura sofrem mudança, assim, os papéis temáticos atribuídos pelo verbo pleno não será mantido na CVSup. Os verbos-suporte perderam, em relação aos verbos plenos correspondentes, a capacidade de representar uma área temática, no caso, a locativa (ATHAYDE, 2000, p. 337), como veremos a seguir.

3.2 Verbos-suporte e fraseologias verbais

Athayde (2000, p. 57) traça também a delimitação entre as CVSup e as fraseologias verbais. Estas se encontram no mais alto grau de fixação sintática, não permitindo a inserção de quaisquer elementos na sua estrutura, e semântica estando completamente idiomatizadas, ou seja, não se consegue depreender o significado do todo através do significado das partes: o “significado não é a esperada união regular de A e B (*A + B*) [...], mas um significado diferente ‘C’ [...], que não inclui nem ‘A’ nem ‘B’” (IRIARTE SANROMÁN, 2001, p. 185)

(10) *A Maria fez uma tempestade num copo d’água* → **A Maria fê-la num copo d’água.*

Embora não seja difícil a identificação das CVSup em relação aos outros tipos de expressão verbal tanto através de testes sintáticos como de comparações de cunho semântico, há uma não desprezível heterogeneidade de construções dentro desta denominação. Medir o grau de fixação sintático-semântica é algo complexo e que, a depender dos critérios adotados, pode se tornar até contraditória. É o que acontece na bibliografia sobre o assunto, pois critérios sintáticos e critérios semânticos estão, em alguns momentos, tão intrinsecamente ligados, que torna impossível a sua separação total. Por isso, os critérios de classificação ora privilegiam a variação ou fixação sintática da

parte nominal em relação ao verbo, ora a idiomaticidade da estrutura como um todo em relação ao significado original dos seus componentes.

Confirma-se, assim, a condição de semi-fixação dos VSup em relação aos plenos que se prestam a combinações livres e às fraseologias que apresentam fixação formal e semântica (idiomaticidade).

No presente trabalho também será necessário estabelecer critérios para a análise da estrutura que estamos estudando para que, no final, seja traçado um *continuum* de fixação sintático-semântica das construções em questão a fim de se descobrir se o verbo “chegar” pode ou não ser considerado como verbo-suporte e determinadas expressões.

4. ESTRUTURA INTERNA DAS CVSUP

Nas CVSUP temos, como já foi dito, um verbo que sofreu um processo de gramaticalização e, portanto, vê-se, em relação ao seu verbo pleno correspondente, destituído de alguns dos seus traços semânticos originais, sobretudo a capacidade de atribuir o papel semântico de locativo ao seu argumento interno.

O verbo torna-se um mero veiculador de informação aspectual e de estado de coisas (*aktionsart*)⁵, além das informações gramaticais de modo, tempo, número e pessoa que já mencionamos anteriormente. O nome também sofre modificações, sofrendo certa abstratização e passando de um sentido concreto, normalmente espacial a um sentido abstrato que atinge domínios emocionais e/ou cognitivos (MATLOCK *et alii*, 2003, p. 43-44), mas é ele, como núcleo da predicação, que será responsável pela atribuição de uma área temática.

Temos, portanto, o seguinte esquema:

VERBO	(prep) SN
Estado de coisas	Estado de coisas
	Área temática

4.1 Sintagma nominal

⁵ As definições de “estados de coisas” e “*aktionsart*” serão dadas posteriormente.

O substantivo que funciona como núcleo do sintagma nominal será o lexema responsável pela predicação da estrutura inteira. Com esse processo de transferência, ele deixa de exercer sua função prototípica de referência, ou seja, designação de objetos e entidades do mundo extralingüístico, adquirindo a dupla função de transmitir informações sobre a área temática e as de estado de coisas (ATHAYDE, 2001, p. 38-40).

O SN, sendo agora o centro da predicação, será responsável pela abertura de espaços vazios a serem preenchidos pelos argumentos da construção inteira, portanto, à medida que a CVSup vai se tornando mais fixa, o SN deixa de ser argumento do verbo passando a parte inerente deste e seus complementos serão complementos da estrutura inteira.

(11) *No cinema, Eduardo **passou a perna** na minha e eu me aborreci.*

<i>Eduardo</i>	<i>Passou</i>	<i>a perna</i>	<i>na minha</i>
SUJ	SV		
	V	OD	ADV ⁶

(12) *Marcelo **passou a perna** na família inteira.*

<i>Marcelo</i>	<i>passou a perna</i>	<i>na família inteira</i>
SUJ	SV	
	CVSup	CP

Os substantivos núcleos do SN sofrem, por consequência do processo de transferência da função predicativa e da gramaticalização do verbo, uma abstratização, o que corrobora com a sua nova função valencial.

Essa característica dos substantivos que fazem parte da CVSup terem um certo grau de abstratização e possuírem estrutura argumental foi observado por Plaza (2005) em seu livro “*Combinaciones verbonominales e lexicalización*”, no qual observa que a fixação dessas combinações começa quando começam a aparecer restrições quanto à colocação de determinantes no SN. Enquanto em expressões menos lexicalizadas, o sintagma nominal pode apresentar variação de número e aceita a inserção de artigos, quantificadores e

⁶ SN: sintagma nominal; V: verbo; OD: objeto direto; ADV: adjunto adverbial; CP complemento preposicional.

possessivos (PLAZA, 2005, p. 77-100) como acontece em *dar um beijo* (*dar beijo, dar beijos, dar meu beijo, dar uns beijos*); expressões como *dar lugar* o substantivo não apresenta variação de número e não aceita determinantes (PLAZA, 2005, p. 101-113).

Os substantivos abstratos são definidos na gramática tradicional como “nomes que não possuem existência autônoma”, mas, segundo Bosque (2000, p. 47), é de se questionar a relevância da classificação entre abstratos e concretos para a descrição gramatical. Mais importante é a intersecção com os substantivos *contínuos* e *descontínuos* (não-contáveis e contáveis) que tem conseqüências morfossintáticas na concordância de número e na presença ou ausência de determinante, por exemplo.

Outra subclassificação dos substantivos que parece ter importância para as construções de que estamos tratando é a dos *eventivos*. São contáveis, não necessariamente deverbais, que não designam objetos concretos, mas acontecimentos; podem exercer a função de sujeito de “ter lugar” ou objetos de “presenciar”. As entidades designadas possuem limites temporais e podem ser acompanhadas da preposição “durante”. Nem todos os substantivos que formarão as CVSup serão eventivos, mas nota-se, através desta última característica, a proximidade aspectual com os verbos. Por isso dizemos que o substantivo é bivalente.

Uma vez formada, a construção seleciona um argumento externo que terá a função de sujeito da predicação. O papel temático do sujeito apresenta o traço [\pm intencionalidade] que determina se ele é ou não controlador da expressão verbal. Isso será importante para determinar a estrutura argumental do verbo de movimento, como veremos mais adiante.

SUJEITO	CVSup	
	VERBO	(prep) SN
Controlador [+ intenc]	Estado de coisas	Estado de coisas
Não- controlador [- intenc]		Área temática

4.2 Verbo

A principal característica do verbo que forma a CVSup é o seu “esvaziamento semântico” perdendo a capacidade predicativa e servindo para transmitir informações de aspecto e estado de coisas (*aktionsart*).

4.2.1 ASPECTO E ESTADO DE COISAS

Aspecto é definido por Vet (1980, p. 46 *apud* LOPES, 2000, p. 116) como “[...] ‘toute information contenue dans une phrase qui se rapporte non pas à la place, mais à la structure interne de l’intervalle I’ (sendo I o intervalo correspondente à localização temporal de uma situação)”. Este conceito está, portanto, diretamente ligado ao de tempo, principalmente nas oposições acabado/inacabado, pontual/durativo, singular/iterativo. (LOPES, 2000, p. 117). Mais especificamente nas línguas românicas, não há morfemas próprios para a sua representação, sendo diluído nas desinências modo-temporais, nos tempos compostos, nos verbos modais, nos advérbios de tempo, mas pode também vir contido nos traços semânticos dos próprios lexemas da língua. Pode se manifestar (morfo)lexicalmente e gramaticalmente: lexicalmente quando a unidade lingüística fora de contexto já apresenta informações sobre a natureza da ação. Isso pode ser dado também através de sufixos (como em *saltitar*). Gramaticalmente através de advérbios e de perífrases verbais (ATHAYDE, 2000, p. 340). Todos esses elementos podem se juntar para a transmissão das nuances de significado pretendidas pelo falante, a fim de se tornar mais claro e detalhado na sua comunicação.

Em uma visão mais ampla, o aspecto de um enunciado corresponde a *aktionsart*, que diz respeito à “forma como o estado de coisas é linguisticamente estruturado e se desenrola no eixo temporal” (ATHAYDE, 2000, p. 339). Como o estado de coisas é prototipicamente uma informação dada pelo verbo (embora, como vimos, alguns substantivos também apresentem extensão temporal), a *aktionsart* está ligada à natureza da situação expressa pelo verbo.

5. CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA DOS VERBOS

Podemos classificar os verbos do ponto de vista da sua semântica interna, partindo da categorização clássica de Vendler (1967) – mas com algumas complementações e aperfeiçoamentos feitos por Mateus et alii (2003, p. 190-197) – em: *estados*, *processos*, *processos culminados*, *culminações* e *pontos*.

Começamos pela distinção entre verbos **dinâmicos** e **não-dinâmicos** a qual vai distinguir os *estados* dos outros tipos de verbo. Os estados, por serem não-dinâmicos, não apresentam mudança, o sujeito é não-controlador [-intencionalidade] e, por isso, são incompatíveis com frases imperativas.

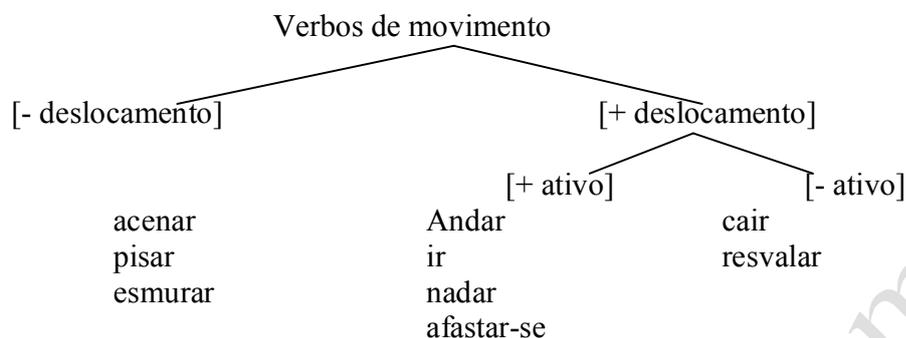
Os verbos que apresentam mudança, ou seja, os dinâmicos, podem combinar-se com sujeitos controladores e não-controladores e dividem-se em: *processos*, caso sejam atéticos e, portanto, compatíveis com a preposição “durante”; ou *eventos*, caso sejam téllicos, tendo uma finalidade, uma culminação. Esses eventos, por sua vez, dividem-se em *processos culminados*, que têm um estado subsequente e *culminações e pontos* que têm uma extensão temporal mínima, pontual, sendo compatíveis com advérbios pontuais. A diferença entre os dois é o traço [\pm intencionalidade] do sujeito.

Mateus et alii (2003, p. 137) apresenta o seguinte quadro:

	DINÂMICO	TÉLICO	DURAÇÃO	ESTADO CONSEQUENTE	HOMOGÊNEO
ESTADO	-	-	+	-	+
PROCESSO	+	-	+	-	+
PROCESSO CULMINADO	+	+	+	+	-
CULMINAÇÃO	+	+	-	+	-
PONTO	+	(-)	-	-	-

5.1 Os verbos de movimento e a natureza do movimento

O movimento descreve situações em que uma entidade muda de posição num espaço físico (MATLOCK, 2004, p. 43). Há diversas maneiras de movimentos, com deslocamento ou não, movimento uniforme, iterativo, em todas as direções (vertical, horizontal, oblíqua).



Pode, além disso, ser voluntário (por vontade de quem se move, por vontade de outrem) ou pode ser involuntário. Isso vai ser determinante na atribuição dos papéis temáticos do sujeito, por exemplo, com o traço [\pm intencionalidade]; é necessário, porém, ter cuidado, pois nem sempre aquele que se move coincide com o sujeito. O movimento – que na maior parte dos casos tem uma natureza dêitica, já que o falante é uma referência para o seu estabelecimento – pode ser visto por diferentes pontos de vista na interação verbal: algo que se move em relação ao falante (exemplo 13), ou o falante estando em movimento em relação a algo (14). Quando o movimento não envolve falante e seu interlocutor, duas entidades externas à situação comunicativa é que são consideradas na descrição do movimento (15).

(13) *Um pombo voou na minha direção.*

(14) *Eu fui ao encontro do meu pai.*

(15) *O ônibus passa em frente à minha casa.*

Nas línguas naturais, que são antropocêntricas e antropomórficas, o pólo organizativo mais importante é o eixo espaço (VILELA, 1992, p. 179), por isso o movimento e o locativo em que ele acontece são os elementos principais a partir dos quais, por processos de metaforização, nascem todas as outras situações. Podemos então afirmar que os verbos plenos, os quais comumente apresentam estas características, na CVSup, dão lugar a um sentido mais abstratizado, acabando por partilhar com seus “ancestrais” somente os valores de aktionsart.

Voltando ao movimento, os elementos que o constituem são: espaço, trajetória com uma origem e com uma meta, a entidade que se move e uma mudança de estado por parte

dessa entidade (MATLOCK, 2004 p. 43; ALVARADO, 2004, p. 4). A natureza do movimento será dada pelo foco e pela ênfase que o falante dá a cada um desses elementos.

Lyons (1977 *apud* VILELA, 1992, p. 182) descreve o movimento através do seguinte esquema:

MOVE (ENTITY, SOURCE, GOAL)

Quando houver um agente (chamaremos de agente a entidade controladora que possui o traço [+ intencionalidade] de que falamos anteriormente), o movimento apresenta outros elementos:

PRODUCE (AGENT, (MOVE (ENTITY, SOURCE, GOAL)))

Podemos até dizer que, já que o agente produz a ação, direcionando-a no sentido de um paciente (noção de transitividade), a figura do agente pode coincidir com a de origem e a de paciente, normalmente um locativo, com a de meta. Jackendoff (1983, p. 172) associa os verbos transitivos aos verbos de movimento explicando o predicado como o “primitivo semântico” na seguinte estrutura argumental:

IR (x, y, z) → movimento x indo de y (origem) a z (meta).

Segundo Talmy (1985, p. 61), as línguas lexicalizam o movimento de duas maneiras distintas: pelo modo de ação (*manner*) – *satellite-frames languages*, como o inglês –, ou pela trajetória do movimento (*path*) – *verb-framed language*, como o francês. Eis dois exemplos:

(16) *He kicked the door open.*

(17) *Il a ouvert la porte d'un coup de pied.*

Nas línguas *satellite-frames*, a trajetória do movimento é dada pelo uso de “satélites”, como preposições e o modo de ação é dado pelos traços semânticos do próprio verbo como podemos observar no exemplo (18). Nas línguas *verb-framed* o verbo traz a informação da trajetória do movimento, isto é, da sua direção, enquanto o modo de ação é dado pelo uso de adjuntos que são sintaticamente opcionais (19). Essa diferença pode ser um indicio de que as línguas conceitualizam o movimento de maneira diferente, fazendo um recorte da realidade segundo os usos e costumes dos próprios falantes (POURCEL, 2004, p. 76-77).

É preciso ter presente que o conceito de movimento, assim como o de espaço, está diretamente ligado, por projeções metafóricas (MATLOCK, 2004, p. 44) a conceitos que seguem um *continuum* de abstração, como espaços virtuais, tempo, emotividade e cognição.

(18) *Fiquei até tarde **navegando** na internet.*

(19) *O Natal **chegou** rápido.*

(20) *Francisca **caiu** numa depressão profunda.*

(21) *Seus pensamentos **corriam**⁷.*

Segundo Sweetser (1991, p. 27), o movimento parte de um âmbito mais concreto para, através de projeções metafóricas, passar a um âmbito nocional e, em seguida, a discursivo.

Em seu artigo “*El desplazamiento como base para a proyección metafórica*” (2004, p. 5-14), Belén Alvaredo analisa o percurso do verbo *sair* rumo à sua gramaticalização nas fraseologias verbais.

(22) *Eu **saí** da minha casa.*

Observe-se que “casa”, que aqui representa a origem do movimento, tem um sentido concreto, e o foco é justamente nessa origem.

(23) *Eu quero **sair** na foto.*

A ênfase é na meta (na foto) que é abstrata. Assim o verbo adquire o significado de “aparecer”

(24) *Você vai se **sair** melhor da próxima vez*

O verbo “sair” tem significado de “fazer corresponder”, a origem e a meta não estão verbalizadas, mas são conhecidas pelo falante: a origem é um modelo estabelecido discursivamente e a meta é a meta abstrata que se quer atingir.

(25) *Maria **saiu de casa**⁸*

Nestas expressões pode-se perceber um maior grau de fixação em que “casa” deixa de ter o sentido concreto de locativo e a expressão toda passa a designar o casamento do sujeito e/ou sua independência em relação aos pais. A construção aqui ainda tem uma

⁷ Os exemplos de (20)-(23) foram adaptados de MATLOCK (2004, p. 44)

⁸ Os exemplos (24)-(27) foram adaptados de ALVAREDO (2004)

relação com a sua correspondente não lexicalizada, por isso ela ainda ao representa o último grau na escala de fixação de expressões do gênero.

(26) *O Roberto finalmente saiu do armário e revelou ser homossexual*⁹

Este exemplo representa o grau máximo de fixação sintática e de idiomatização em que o verbo está completamente gramaticalizado e a expressão adquire um significado global que não necessariamente é o significado das partes. A aceitabilidade, a institucionalização e a frequência de uso, efetivadas pelos falantes fazem com que a construção entre para o acervo lexical da língua. É na ação de reproduzir o mesmo que se fixam as unidades fraseológicas (ZULUAGA, 1980, p. 26)

5.2 O verbo “chegar”

Após apresentar a classificação semântica dos verbos e discutir sobre a natureza do movimento e a maneira como ele se manifesta linguisticamente, precisamos analisar o verbo “chegar” à luz das idéias expostas até o momento.

O verbo “chegar” é introduzido por Mateus et alii (2003, p. 196-197) na categoria das *culminações*, pois é uma ação dinâmica, pressupõe mudança de estado, é compatível com frases imperativas e pode responder à pergunta “o que que aconteceu?”. É télico, já que tem uma finalidade e que é a culminação do movimento e pode, por esta razão, vir acompanhado por advérbios pontuais. O sujeito pode ser agente, embora não seja obrigatório.

(27) *O Pedro chegou ao balcão de atendimento às 15:30.*

Traçando um esquema do movimento, utilizando os elementos seus elementos constitutivos, apresentados anteriormente, temos:



Sendo o movimento um deslocamento de uma dada entidade de um ponto de origem a uma meta, no verbo “chegar”, a trajetória (*path* de TALMY, 1985, p. 59) é deixada de lado e o foco está na meta, estando ela presente ou não no enunciado.

⁹ Exemplo retirado de <http://casota.org/index.html>

(28) *Mariana chegou a Lisboa* (META)

A meta está verbalizada no argumento interno, facilmente perceptível graças à presença da preposição “a”. A origem e a trajetória são omitidos.

(29) *Mariana chegou de Paris* (ORIGEM)

Aqui, o argumento interno, introduzido pela preposição “de”, é a verbalização da origem. A meta, quando não está verbalizada, coincide com a localização do falante e esta localização é partilhada pelos participantes da interação verbal. O mesmo acontece quando o verbo não vem acompanhado de qualquer argumento:

(30) *A Mariana chegou*

O modo de ação (*manner* de TALMY, 1985, p. 62-63) não está contido nos traços inerentes do verbo e pode ser dado por um adjunto, que, como sabemos, não é um elemento obrigatório na predicação.

(31) *Mariana chegou de carro com um amigo*

(32) *Mariana chegou num piscar de olhos*

O verbo “chegar”, como verbo pleno, abre portanto três lugares na sua estrutura argumental

ENTIDADE	CHEGAR	ORIGEM	META
----------	---------------	--------	------

A entidade em questão pode ser agente ou não, a depender da presença ou ausência do traço “intencionalidade”. Costuma-se associar ao agente, justamente por ele ser positivo para este traço, também o traço [+ animado].

Segundo a classificação dos papéis temáticos proposta por Mateus et alii (2003, p. 188-190), temos, na posição do argumento externo, os seguintes papéis temáticos:

- **AGENTE:** “*entidade controladora, tipicamente humana, de uma dada situação*”

Para verificar se o argumento é um agente, a autora utiliza como testes a inserção de advérbios como “intencionalmente”, “propositadamente”, “voluntariamente” ou a continuação da frase com uma subordinada final.

- **TEMA:** entidade que muda de lugar, de posse ou de estado, em frases que descrevem situações dinâmicas. Pode ser criada pela atividade expressa pelo verbo ou afetada por tal atividade.

A origem e a meta, sendo argumentos, são elementos obrigatórios, pedidos pelo verbo e pela própria natureza do movimento, mas podem vir omitidos caso sejam pressupostos ou semanticamente irrelevantes. No caso de “chegar” como verbo pleno, os núcleos desses dois argumentos serão preenchidos por nomes [+concretos] e [+locativos].

O objetivo principal deste trabalho é verificar se, tendo substantivos abstratos e não locativos representando a origem e/ou a meta do movimento expresso pelo verbo, estamos ainda diante de um verbo pleno ou de um verbo-suporte.

Na posição de argumento interno, podemos encontrar.

- **FONTE:** entidade que está na origem de uma dada situação, embora sem a controlar
- **ALVO:** entidade para a qual algo foi transferido, num sentido locativo ou não

No dicionário Houaiss (2001), o verbo “chegar” tem vinte acepções. Dentre elas, escolhemos as que parecem representar mais prototipicamente o percurso rumo à gramaticalização do verbo e, portanto, à fixação da expressão em uma CVSup.

1) atingir o termo de uma trajetória, de um percurso de ida e/ou de vinda

Ex.: chegou hoje (da Europa); c. a casa a flecha não chegou ao alvo; o avião chegou antes da hora

Na primeira acepção, temos o verbo pleno designando o ponto final da trajetória descrita pelo movimento, evidenciando sua origem ou sua meta. Na exemplificação o dicionário reconhece a possibilidade de omissão do argumento interno.

2) alcançar ou tocar um determinado ponto no espaço ou no tempo

Ex.: o menino chega ao ombro do pai; a saia chega até o chão; c. até altas horas estudando

Na segunda acepção, podemos observar a tênue delimitação entre espaço e tempo, o locativo se abstratiza representando um intervalo de tempo.

3) atingir um ponto extremo; ir ao máximo

Ex.: c. aos limites da paciência

Esta acepção é de cunho emotivo / cognitivo, representando mais um avanço no continuum de abstratização.

4) alçar-se a uma posição vencendo etapas

Ex.: c. a embaixador; c. a almirante

Na acepção quatro, o movimento se dá rumo à sublimação, adquirindo um traço de atitude positiva socialmente construída em relação á meta.

5) igualar-se, comparar-se, ombrear

Ex.: a praia é bonita, mas não chega aos pés de Copacabana

Na quinta acepção, este traço mantém-se, mas o argumento interno (meta) fixa-se sintaticamente ao verbo, formando com este uma expressão única com sua própria estrutura argumental.

Pelo que foi dito até agora, o verbo “chegar” como verbo-suporte deverá, seguir a estrutura argumental:

SUJEITO	VERBO	(prep) SN
+ animado + causativo [+ intencional]	ESTADO DE COISAS + DINÂMICO Evento Ponto (achievement) → advérbio pontual	ESTADO DE COISAS
		ÁREA TEMÁTICA
- animado - causativo [- intencional]		Locativo [± abstrato] Tempo Emotividade Cognição

6. ANÁLISE DOS DADOS

Chegado o momento de separar e classificar os dados, alguns critérios tiveram de ser estabelecidos, para dar conta da heterogeneidade de combinações e da complexidade do(s) fenômeno(s) analisados¹⁰.

Podemos a priori traçar um *continuum* semântico em que a expressão formada pelo verbo e pela parte nominal passa de um significado concreto (verbo de movimento e espaço físico) a um significado mais abstrato, de difícil definição e delimitação, já que, na experiência humana, espaço, tempo e cognição estão tão imbricados que é difícil, se não impossível, fazer uma separação entre eles.

Segundo Sweetser (1991, p. 19), a metáfora é a passagem de um domínio a outro criando entre eles uma conexão tão natural quanto a conexão entre elementos dentro do mesmo domínio. No caso do verbo “chegar” e de seu complemento, podemos dizer que a

¹⁰ O fenômeno escolhido para análise que é a forma de constituição de CVSup, embora pareça ser um fenômeno único, revela-se como multifacetado e composto por vários fenômenos complementares.

abstratização ocorrida é fruto de um processo metafórico em que o movimento, físico e observável, encontra-se interconectado com domínios abstratos pela necessidade que o falante tem de expressar conceitos não tangíveis a partir da experiência empírica. Temos que tomar cuidado, porém, pois esta passagem de um domínio [+concreto] para um [-concreto] não necessariamente acarreta gramaticalização, embora seja uma etapa indispensável para esse processo.

6.1 Extensão semântica sem fixação

Chega-se então a uma divisão de áreas temáticas, retirada a partir da leitura dos dados, e que abarque a maioria deles. Temos, portanto as seguintes categorias: **lugar abstrato, tempo, cognição, emotividade, relações, padrões sociais**. Não há como dizer que essas categorias estabeleçam-se segundo um *continuum* unidirecional, sendo uma derivada da outra. O que pode ser dito é que todas elas derivam de uma categoria-mor: a de lugar físico.

Em cada uma delas encontramos construções com diversos graus de fixação e diversas estruturas argumentais. Nenhum destes poderia, portanto, configurar um critério para a definição para esse tipo de classificação, assim como esse tipo de abstratização não seria uma causa evidente de fixação. Podemos encontrar expressões fixadas pelo uso e que conservam seu sentido original de “lugar”, assim como podemos encontrar expressões abstratas que não sofrem fixação.

LUGAR

CHEGAR À PRAIA

(35) *Cheguei à praia* com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos.

LUGAR ABSTRATO

CHEGAR AO MERCADO

Mercado tem o significado concreto de “estabelecimento onde se negocia(m) determinada(s) mercadoria(s)”, mas aqui o significado se abstratiza: “concepção das

relações comerciais baseada essencialmente no equilíbrio de compras e vendas, segundo a lei da oferta e da procura”¹¹

(37) *Mais um banco de dados para o Windows, da Microsoft, **chega ao mercado nacional**, o Forest & Trees.*

TEMPO

Todos os nomes que fazem parte da expressão “chegar + a SN” são eventivos, dando conta da duração da situação descrita. No primeiro exemplo temos uma expressão de tempo propriamente dita, “ano”, mas também podemos entrar “meses” e “dias”; nos outros dois temos momentos da vida indicando o percurso feito até atingir este ponto no tempo. Estas expressões pedem todas sujeitos com traço negativo para a intencionalidade, já que a passagem do tempo e conseqüentemente da vida, são fatores biológicos que o homem não consegue controlar.

CHEGAR AO ANO 2000

O movimento contido nos traços semânticos do verbo “chegar” passam a designar um movimento no tempo. Este, embora seja um conceito abstrato, é normalmente representado fisicamente através de uma linha e a distância entre pontos nesta linha, é justamente a marca da correspondência entre espaço e tempo.

(33) *Para enfrentar a concorrência de outros esportes que **chegam ao ano 2000**, temos que inovar, acrescentou.*

CHEGAR À MENOPAUSA

(34) *O risco reduzido permanece apenas até que a mulher **chegue à menopausa**.*

CHEGAR À VIDA ADULTA

(35) *Jack Kerouac e Allen Ginsberg nem bem **chegavam à vida adulta** quando conheceram mestre Bill.*

COGNIÇÃO

Por cognição entendemos não só características ligadas à percepção, como também à aquisição de conhecimento, intelectualidade.

¹¹ Definições retiradas do DIONÁRIO HOUAISS (2001)

CHEGAR AO CETICISMO

(36) Nele estão registradas as etapas de um pensamento que partiu da opção pelo silêncio diante da impossibilidade de escolher essa ou aquela filosofia, passou pela tentativa de dar estatuto filosófico à visão comum do mundo e **chegou ao ceticismo**.

CHEGAR AO VIRTUOSISMO

(37) [Tônia Carrero] Que não **chega ao virtuosismo cênico** da primeira, que também não tem a marca da grande estrela de televisão como a segunda, mas que envolve o público com um humor e uma graça que permitem prever uma temporada mais prolongada para sua peça.

EMOTIVIDADE

A emotividade é aqui tomada como situação em cujo ápice (“chegar” é o cume de um processo) vêm à tona os sentimentos do ser humano.

CHEGAR A DELICADEZAS

(38) [peça de teatro] Tem o requinte de jogar com emoções profundas, de **chegar a delicadezas impensáveis** de sensibilidade, sem perder nunca o pique de uma comédia comercial.

PADRÕES SOCIAIS

Por padrões sociais são designadas as situações em que, por um acordo normalmente tácito entre membros de uma sociedade, padrões são estabelecidos. A expressão aqui indica justamente o ponto em que este padrão é atingido.

CHEGAR A META

(39) Nas últimas décadas, houve oito tentativas de **chegar a essa meta**.

CHEGAR A NÍVEIS

(40) A produção nacional, que é de 60 milhões de unidades / ano, precisa subir a 450 milhões para **chegar a níveis europeus**.

(41) A inflação **chega a níveis astronômicos** (um dólar valia 8 bilhões de marcos)

RELAÇÕES

Relações envolvem pelo menos duas entidades, animadas ou não.

CHEGAR A UNANIMIDADE

(42) *Não há dúvida de que a obra de Nelson Rodrigues, considerada de início maldita, extravagante, fruto da mentalidade doentia do autor, foi aos poucos **chegando a essa espécie de unanimidade** de agora.*

CHEGAR A CONSENSO

(43) *Assessores do ministério não chegam a consenso sobre vários pontos que vão definir a introdução da nova moeda*

6.2 Indício de fixação: CVSup

Embora os autores não tenham usado o critério da substituição por um verbo como forma de se definirem as CVSup, o fato de elas funcionarem como um lexema único, não deve ser desprezado como propriedade deste tipo de construção. Mesmo que o verbo não exista na língua de análise e que ele não tenha a mesma base lexical, há uma importante evidência de que os falantes têm essa expressão como uma entrada única no seu acervo e sentem o seu comportamento e armazenamento como algo uno. No uso, porém, elas ainda podem sofrer variação sintática como inserção de elementos como advérbios entre o verbo e a parte nominal e de determinantes, quantificadores e possessivos no interior do sintagma nominal.

Entre essas construções que podem ser substituídas por um verbo, semanticamente correspondente (não obstante tenhamos consciência que a equivalência semântica nunca será total), o nome responsável pela predicação poderá ser deverbal ou o verbo poderá ter surgido a partir do nome, a depender da etimologia das palavras e da história da língua em questão. Além de uma diferença no significado estas expressões terão diferenças na estrutura sintática em relação ao verbo considerado.

As expressões pertencentes a esta categoria podem encontrar um correspondente com outro verbo-suporte – como “nomear” e “fazer nomes” –, mostrando-nos que o verbo

“chegar” na verdade é escolhido especificamente para denotar esta última etapa do percurso descrito pela situação em questão.

LUGAR ABSTRATO

CHEGAR A NOMES (Nomear → fazer nomes)

(44) *Freire -- Eu preferia não **chegar a nomes**.*

(44') *Eu preferia não **nomear** ninguém.*

CHEGAR AO NÚMERO (numerar → dar o número)

(45) *Para se **chegar ao número do lucro** do BC, leva-se em conta uma base monetária (dinheiro em poder do público mais depósitos nos bancos que não podem ser emprestados) de US\$ 4,2 bilhões.*

(45') *para se **numerar** o lucro do BC*

TEMPO

CHEGAR AO FIM (Finalizar)

(46) *A investigação **vai chegando ao fim**, mas os crimes dos políticos parecem não ter fim.*

(46') *A investigação está sendo finalizada, mas...*

Aqui o verbo só se aproxima do sentido da expressão na voz passiva marcando que alguém está agindo por trás do processo de finalização. Na construção com “chegar” o agente tem importância secundária.

COGNIÇÃO

CHEGAR A CONHECIMENTO (Conhecer → tomar conhecimento)

(47) *O relatório revela um número fornecido pelo sistema SOS racismo, de São Paulo, segundo o qual apenas 20 % dos ataques neonazistas **chegaram a conhecimento** das autoridades*

(47') *As autoridades **conheceram** os ataques neonazistas.*

O sentido de conhecer muda consideravelmente o sentido da expressão, os papéis temáticos de seus argumentos também.

CHEGAR A CONSTATAÇÕES (Constatar)

(48) Todas as observações tendem a **chegar a constatações** idênticas.

(48') Todas as observações tendem a **constatar** a mesma coisa.

CHEGAR A CONCLUSÕES (Concluir)

(49) Monica Baer **chega a conclusões** bastante coincidentes com as de Oliveira.

(49') Monica Baer **conclui** coisas bastante coincidentes com as de Oliveira.

EMOTIVIDADE

CHEGAR À INTOLERÂNCIA (intolerar)

(50) [Eu] Estou **chegando à intolerância**, afirmou Passarinho, revoltado com o que ele chama de exploração política dos trabalhos da CPI.

(50') [Eu] Estou **sendo intolerante**, afirmou Passarinho, revoltado com o que ele chama de exploração política dos trabalhos da CPI.

O estado de coisas e o aspecto descrito pelo verbo chegar de “culminação” da situação descrita na predicação é fundamental para atribuir o significado preciso do expresso diante do significado do verbo correspondente.

PADRÕES SOCIAIS

CHEGAR À VITÓRIA (Vencer)

(51) [O partido] está ousando e poderá demonstrar, se **chegar à vitória**, que dispõe de força suficiente para cortar o nó górdio da entrevação do Brasil.

(51') [O partido] está ousando e poderá demonstrar, se **vencer**, que dispõe de força suficiente para cortar o nó górdio da entrevação do Brasil.

CHEGAR À COMPLEXIDADE (Complexificar)

(52) Nenhum texto do passado vai **chegar à complexidade** da atualidade.

(52') Nenhum texto do passado vai **se complexificar** assim como a atualidade.

CHEGAR À PERFEIÇÃO (Aperfeiçoar)

(53) O presidente da Riotur disse que o sistema **chegará à perfeição** quando o governo estadual e a prefeitura pagarem os ingressos.

(53') O presidente da Riotur disse que o sistema **será aperfeiçoado** quando o governo estadual e a prefeitura pagarem os ingressos.

CHEGAR A SOFISTICAÇÃO (Sofisticar)

(54) No Brasil, a tecnologia ainda não **chegou a** essa **sofisticação**, mas a USP já usa microcâmeras e um sistema que permite comandar um programa de tratamento clínico por infravermelho.

(54') No Brasil, a tecnologia ainda não **se sofisticou** **suficientemente**, mas a USP já usa microcâmeras e um sistema que permite comandar um programa de tratamento clínico por infravermelho.

RELAÇÕES

CHEGAR A ACORDO (Acordar)

(55) Europeus não **chegam a acordo** para ação militar e devem dar prazo de 10 dias para fim do cerco a Sarajevo

(55') Europeus não **acordaram** a ação militar e devem dar prazo de 10 dias para fim do cerco a Sarajevo

CHEGAR A RELAÇÕES (Relacionar)

(56) Agissem como cientistas isentos, esses economistas engajados acabariam **chegando a relações muito diretas** entre miséria, mortalidade infantil e o modelo político que eles próprios defendem, e do qual são beneficiários diretos.

(56') Agissem como cientistas isentos, esses economistas engajados acabariam **relacionando muito diretamente** miséria, mortalidade infantil e o modelo político que eles próprios defendem, e do qual são beneficiários diretos.

OUTROS

CHEGAR AO CRESCIMENTO (Crescer)

(57) Estamos próximos de **chegar ao crescimento** obtido nos anos de 82/83 e 86/87, quando foram lançadas 32 mil unidades em cada ano.

(57') Estamos próximos de **crescer** como nos anos de 82/83 e 86/87, quando foram lançadas 32 mil unidades em cada ano.

CHEGAR A SOLUÇÕES (Solucionar → encontrar uma solução)

(58) Após várias alternativas, **chegamos à solução** atual.

(58') ?Após várias alternativas, **solucionamos o problema** atualmente.

O verbo “solucionar”, para se aproximar do sentido de “chegar a uma solução” precisa do seu objeto direto explícito.

CHEGAR AO VALOR (Valorar /valorizar)

(59) Para se **chegar ao valor total** da devolução, serão incluídos também os valores referentes às multas por inadimplência.

(59') Para se **valorar totalmente** a devolução, serão incluídos também os valores referentes às multas por inadimplência.

Destes exemplos, somente os correspondentes a “juízo de valor” podem ter sua parte nominal substituída por “lá”, respeitando, portanto o teste da cliticização e corroborando com a idéia de que se trate de um estágio de maior fixação é dado pela improvável – mas não impossível – variação sintática. Não impossível porque todos eles respondem positivamente ao teste da extração dos constituintes, encontrando-se, portanto, em uma região dúbia para classificação.

6.3 A caminho das fraseologias verbais

As expressões seguintes parecem assinalar a presença de um maior grau de fixação, embora esta ainda não seja total como acontece nas fraseologias verbais, por isso apontam para uma fixação, mas ainda não a efetivam totalmente.

CHEGAR A LUGAR NENHUM

(60) No início, disse que mexendo na equipe a cada jogo não **se chega a lugar nenhum**.

(60') *No início, disse que mexendo na equipe a cada jogo não se **chega lá**.

(60'') *É **a lugar nenhum** que não se **chega** mexendo na equipe a cada jogo.

CHEGAR AOS PÉS DE

(61) Apesar da pretensão de sua gravadora, para **chegar aos pés de** Louis Armstrong, Jones ainda tem décadas de estrada pela frente.

(61') Apesar da pretensão de sua gravadora, para **chegar lá**, Jones ainda tem décadas de estrada pela frente.

(61'') É **aos pés de Louis Armstrong** que Jones quer **chegar**.

Estas ocorrências, no corpus pesquisado, não aceitam advérbios no seu interior, mas na aplicação dos testes de verificação da fixação sintática, somente “chegar a lugar nenhum” – embora denote um lugar físico, concreto – demonstrou rejeitar a cliticização e a extração de constituintes. A expressão, porém, apresenta uma restrição sintática que confirma a fixação: ela sempre aparece em frases negativas, fazendo com que o “lugar” de que se está falando seja um “não-lugar” e portando perca a sua concretude e denotatividade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre todas as análises feitas com os dados coletados e aplicando as teorias escolhidas como base para o tratamento do assunto, podemos estabelecer critérios para uma definição mais precisa do que se entende por CVSup, já que, há expressões de diversa natureza sendo colocadas no mesmo patamar.

Digamos que o processo de fixação sintático-semântica se dá em dois níveis:

1. Em primeiro lugar a mudança acontece no plano semântico: o verbo sofre perda do seu sentido concreto original de denotar espaço e movimento, passando por contínuas abstratizações que advêm da própria natureza do espaço e do movimento, os quais são facilmente suscetíveis a serem reinterpretados com significados da esfera da cognição, da emotividade, do tempo, entre outras. A expressão pode se fixar sintaticamente ou não a depender do seu uso.

2. Sofrendo ou não mudança sintática, a combinação verbo + parte nominal tomam-se, por força do uso, uma expressão única correspondente a um verbo. A depender do grau de repetição por parte do falante essa fixação sintático-semântica aumenta, trazendo consigo mudanças na expressão com um todo. O verbo sofre “esvaziamento semântico” transferindo sua capacidade de predicação para a parte nominal que perderá sua função inicial de referencialidade e passará a ser o núcleo da predicação. O verbo se gramaticaliza sendo responsável somente por informações sobre aspecto e estado de coisas, enquanto o nome tornar-se-á bivalente, transmitindo também as noções de aspecto e estado de coisas, mas principalmente será responsável pelo estabelecimento da área temática da construção. À medida que a fixação aumenta, as possibilidades de combinação e de variação sintática

diminuem e a parte nominal deixa de ser um argumento do verbo para ser parte inerente deste.

A aceitação e a institucionalização por parte do falante será feita de forma arbitrária, por isso estamos diante de um fenômeno de lexicalização (PLAZA, 2005, p. 174). O verbo se gramaticaliza formando uma construção que entrará para o acervo de uma língua por um processo de lexicalização. Temos, portanto, dois fenômenos aparentemente contrários e dicotômicos acontecendo ao mesmo momento e no mesmo elemento lingüístico, mas com focos e funções diferentes.

A CVSup será correspondente a esta última categoria em que a abstratização vem acompanhada de fixação sintático-semântica ainda em um grau intermédio, distinguindo-se assim, das fraseologias verbais que apresentam, além de idiomaticidade total, uma fixação sintática sem inserção e variação de constituintes no SN e entre o verbo e o (prep) SN.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARADO, Belen et alii (2004). El desplazamiento como base de la proyeccion metafórica: esquemas de movimiento con preposicion. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (ed.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Lingüística Cognitiva*. Coimbra: Almedina. p. 3-23.

ATHAYDE, Maria Francisca (2000). *A estrutura semântica das construções com verbo-suporte preposicionadas do português e do alemão*. Tese de doutoramento. Coimbra: s.n.

ATHAYDE, Maria Francisca (2001). *Construções com verbo-suporte (Funktionsverbgefüge) do português e do alemão*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos.

ATHAYDE, Maria Francisca (2005). *Nomes predicativos em português e alemão: os nomes predicativos em construções com verbo-suporte preposicionadas do português e do alemão*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos: Minerva.

BOSQUE, Ignacio (2000). El nombre común. In: DEMONTE, Violeta ; BOSQUE, Ignacio (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 1, Madrid: Editorial Espasa Calpe. p. 3-75.

BUSSE, Winfried; VILELA, Mário (1986). *Gramática de valências: apresentação e esboço de aplicação à língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.

CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

DICIONÁRIO Houaiss eletrônico da língua portuguesa, v.1. Rio de Janeiro, dez. 2001.

IRIARTE SANROMÁN, Álvaro (2001). *A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasesmas, Pragmatemas*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos - Universidade do Minho.

JACKENDOFF, Ray (1983). Towards an esplanatory semantic representation. In: _____. *Semantics and cognition*. Cambridge: The MIT Press. p. 170-211.

LYONS, John (1996). *Linguistic semantics: an introduction*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press.

LOPES, Ana Cristina Macário (1992). Aspecto. In: _____. *Texto proverbial português: elementos para uma análise semântica e pragmática*. Tese de doutoramento. Coimbra: Fac. Letras Univ. Coimbra. p. 115-136.

MATLOCK, T., RAMSCAR, M., & BORODITSKY, L. (2004). *The experiential basis of motion language*. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (ed.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Lingüística Cognitiva*. Coimbra: Almedina. p. 43-57.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii (1989). *Gramática da língua portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Caminho.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii (2003). *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho.

MEILLET, Antoine (1948). *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion. p. 130-148.

PLAZA, Alberto Bustos (2005). *Combinaciones verbonominales y lexicalización*. Frankfurt: Peter Lang.

POURCEL, Stephanie (2004). Motion in language & cognition. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (ed.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Lingüística Cognitiva*. Coimbra: Almedina. p. 75-91

SOARES, Rute (2007). *Verbos de percepção visual em português e alemão: a semântica de ver, olhar e sehen*. Tese de doutoramento. Coimbra: Fac. Letras Univ. Coimbra.

SWEETSER, Eve (1991). *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

TALMY, Leonard (1985). Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. In: SHOPEN, Timothy (ed.). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 57-149.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (1991). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins.

VET, Co (1980). *Temps, aspects et adverbes de temps en français contemporain*. Genève, Droz.

VILELA, Mário (1992). *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Livraria Almedina.

ZLATEV, Jordan; DAVID, Caroline (2004). Three ways to travel: Motion events in French, Swedish and Thai. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (ed.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina. p. 119-142.

ZULUAGA, Alberto (1980). *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt am Maim: Peter D. Lang.

ZULUAGA, Alberto (2002). *Los “enlaces frecuentes” de María Moliner: Observaciones sobre las llamadas colocaciones*. Disponível em: <http://web.fu-berlin.de/phin/phin22/p22t3.htm>. Acesso em: 23 jun. 2008